

A NATUREZA NO MUNDO VIRTUAL

Bernardo Gomes Ribeiro

bgomesribeiro@gmail.com

Resumo

As diversas transformações que vêm ocorrendo no espaço, em ritmos cada vez mais acelerados, acarretam uma nova conjuntura, onde o mesmo adquire características contrárias àquilo que se apresenta. A natureza, como principal elemento constituinte desse espaço, sofreu alterações gritantes no que concerne a sua acepção. Tais alterações desqualificaram a natureza para requalificá-la. Dessa forma, visa-se entender a natureza intrínseca ao espaço construído, analisando-a através de uma perspectiva mais reflexiva. Com esse propósito trabalharemos com os termos virtual e real, tentando demonstrar como as transformações ocorridas na estrutura e na própria concepção de mundo alteraram o nosso entendimento sobre o que é natureza. Tais transformações resultaram numa passagem aonde a natureza real veio a se tornar uma natureza virtual estando essa última em coerência com o mundo em que se encontra. A partir de alguns exemplos procuraremos demonstrar que através de diversas formas têm-se tentado resgatar a natureza, entretanto, nenhuma delas consegue atingir seu objetivo uma vez que elas deixam de trabalhar com a própria natureza para agregar valor a ela.

Palavras-chave: mundo – natureza – real - virtual

Neste mundo imerso numa objetividade, onde as informações se proliferam num ritmo vertiginoso, em que os meios virtuais se tornam cada vez mais presentes, a compreensão da natureza tem sido cada vez mais purificada. Trouxemos aquilo que estava para além da tela para o lado de cá, resta-nos agora entender essa natureza.

1. Três dimensões do real (O Virtual é real)

O que é o real? Existe um real ou será que tudo que está a nossa volta, e pensamos ser o real, não passa de uma grande simulação, uma simulação do real? Esta parece ser uma grande dúvida do homem, pensar que tudo aquilo que ele viveu e vive não passa de uma ilusão, que o ser criador/gerador que é o ser mundo, nunca existiu para nós a não ser como uma cópia de si mesmo. Diante desta hipótese, chegaríamos à conclusão de que aquilo que o ser humano conhece e concebe como real só foi experimentado através de sua simulação. Ou seja, a maçã, o parque de diversões, o salto de pára-quedas e tantas outras experiências que o ser humano pensa ter vivido, só se realizaram no campo da simulação, por mais que nesta tenham se realizado. Entretanto, há uma dúvida maior que essa: a de se saber se há saída, se esta é possível, já que esse parece ser o grande dilema a ser enfrentado pela humanidade. Acreditar na simulação do real implica pensar que existe algo além que pode ser alcançado, algo real que quando conhecido e percebido pôde ser copiado, como no caso da maçã, do parque de diversões e do salto de pára-quedas. Entretanto, concretamente, o que se observa é que a simulação do real não passa de uma enorme ilusão; uma ilusão onde se promete uma realidade possível, onde o real é presente e atingível. “Não há verificação possível do mundo – é por isso que a realidade é uma

impostura. Sem verificação possível, o mundo é uma ilusão fundamental” (BAUDRILLARD: 2002: 9).

Sendo assim, ao simular o real tenta-se simulá-lo em sua essência, pois se acredita conhecê-la. Mas onde ela se encontra? Ela simplesmente não é possível de ser encontrada, por isso o termo simulação do real, aqui proposto, não é adequado, já que ele pressupõe um real que não pode ser verificado, é um real sem prova no real. Diante disto, nota-se que as coisas que se apresentam como real, não são baseadas necessariamente em coisas reais, tornando a realidade infinita, no sentido do não alcançável, não havendo a possibilidade de se falar em uma simulação do real uma vez que o real não é a realidade¹.

Nesse real, nada pode ser pensado além de uma estrutura básica já formada e assimilada por nós, nada irá além da nossa mente, nada poderá ir além da limitação do nosso pensamento, das nossas associações às formas já dadas a priori, tudo se restringirá a um enclausuramento estrutural. Assim é o caso das cores: elas nos impedem de pensar o não visto, elas nos impedem de clarear nossa mente sem clareá-la, elas nos impossibilitam de pensar uma cor da qual não se conheça. Dessa forma, o que se verifica é que toda a estrutura já está formada para não irmos além e quando se pensa nesse além nada se muda para fora dessa estrutura, bloqueando, dessa forma, uma possibilidade que não seja reflexo de sua inspiração, um revivamento pela simulação.

Há então a grande alienação do homem no que concerne ao seu mundo, pois sendo a comprovação deste impossível, o mundo pode ser o real assim como o irreal. Para além da realidade em que nos encontramos nada se realiza, tudo se perpetuará numa lógica ainda mais complexa. Como dito anteriormente, o real nunca poderá ser provado, e o mesmo ocorrerá com o irreal, que precisaria deste real para negá-lo. Então, antes de nos seduzirmos e sermos tendenciosos para algum dos lados, é preciso verificar que haverá uma questão que irá se sobrepor às demais - a de que a indecisão será eterna e será ela que nós moverá. Afinal, este parece ser o alimento que vem nutrindo a humanidade desde sempre; por isso, diante da dúvida, trabalharemos com uma de suas hipóteses, a de um “real irreal”.

Nesse “real irreal” o mundo não necessitaria ser o real, o mesmo teria de nos iludir quanto à sua veracidade, sendo assim, o que ele promete ser o real deve nos ser apresentado como real, não deixando dúvidas sobre sua autenticidade e nos persuadindo quanto à sua veracidade. Nesse sentido o mundo cumpre o seu papel, porque por mais que tudo isso seja falso nos parece ser real, o que é em última instância o seu objetivo, o objetivo da simulação, que finge ser tudo mesmo quando não é “nada” daquilo que se apresenta. Entretanto, esse “real irreal” já foi experimentado, é um real verdadeiro em sua simulação e ilusão e não em suas apresentações, é um real que foi presenciado, de suas unicidades que não encontravam equivalentes em nada. Contudo, o mesmo já não pode mais ser contemplado; isso porque ele foi apagado por uma outra dimensão, que por mais que tente, não consegue mais recuperá-lo, só serve para simulá-lo como real. Esse “real irreal” é um real não operacionalizado, um real da ordem do simbólico, um real digestivo, pois envolve um imaginário, um real verdadeiro em sua irrealidade. “... o significado não é inerente aos objetos em si, mas reside fora deles, em seu relacionamento com outras estruturas” (ARNOLD: 2004: 239).

Fazendo uma analogia com a linguagem poética, poder-se-ia dizer que o real é como a poesia, ela está ali no papel, você pode vê-la como um outro também o fará, mas poderá interpretá-la de diversas formas. Aí reside toda a fantasia presente na linguagem poética, pois ela têm o poder de salvar em si, para além do aprisionamento, para

¹ Realidade como forma suprema da verdade, aquilo de que nós nunca iremos ter certeza.

além do que está inerente a si; um encanto único, já que as mesmas dizem mais do que quero que digam, fogem ao meu controle para se assumirem em forma própria; já não mais a mim pertencem, passam ao mundo pertencer, elas trazem à tona a realidade das coisas. A construção da realidade não está presente somente em sua existência, mas na geração de sua existência a partir de uma imaginação. O entorno também faz parte do objeto, é a imaginação que permite a realização do mesmo. É a partir da realização do objeto que o mundo se realiza.

Sendo a comprovação do real impossível e a ilusão inexorável; diante de uma busca do real onde se almeja um resgate de si impossível também; temos agora uma nova dimensão do real, que se apresenta como sendo aquela onde o termo “real” será utilizado para descrever as coisas na sua forma simples de ser, o ser por apenas ser, onde o virtual é real, e o real – que já não mais será real - é virtual. Ou seja, aquilo que pode ser abstraído através dos cinco sentidos, através da percepção, aquilo que provém do mundo externo e é por nós sentido, é o objeto pelo objeto, é a perda do objeto pela perda do sentido. É um real que se consome e se excreta sem que tenha passado pelo processo digestivo, uma vez que esse já nem mais existe. Um real que se encontra tão afastado de sua 2^o dimensão quanto à mesma se encontra afastada da 1^o.

E o que é o Virtual? “... o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que se chama de resolução: a atualização” (LÉVY: 1996: 16). Sendo assim, o virtual é uma busca constante que realiza fatos, sem se realizar, pois isso é impossível para o virtual, já que essa não é sua intenção. É o vir a ser que nunca é.

Mas o virtual também pode ser visto como se tratando do oposto ao real, do pertencente ao mundo “irreal real”, do enganoso, que é o caso da maioria das vezes. Mas esse imaginário, o voar sem voar, o pular sem pular, o cair sem cair, concretiza-se. Todas estas sensações e experiências já podem ser vividas sem serem vivenciadas. É por isso que ele é real, porque tudo isso pode ser experimentado, mesmo que virtualmente, no duplo virtual. É a perda total de significados, onde tudo se torna zero, no que concerne a pensar como neutro, seja o objeto pelo objeto, seja o objeto pelo não objeto, tudo que existe atualmente é virtual. Se no primeiro o objeto somente existe enquanto tal, no segundo ele nem mais existe, e quando surge na primeira forma acredita-se tê-lo em sua realidade, entretanto, em ambos há a mesma idéia se reproduzindo, imagem especular. Logo, o que se imagina ser o virtual serve apenas para validar esse real, que na verdade já é o próprio virtual, o virtual serve apenas para nos iludir com a realidade de alguma coisa, nos alçando para um duplo virtual, onde se vive as coisas. Nota-se que o duplo virtual serve somente para distinguir o que na verdade já não é possível de ser distinguido, o real e o virtual.

2. A natureza perdida (em busca de uma ilusão)

Quando falamos em uma natureza perdida podemos supor, como o próprio termo perdido sugere, que algo possa ser encontrado, que algo está guardado à espera de alguém, de um ser que irá libertá-la e trazê-la à tona novamente. Mas a natureza não se encontra perdida nesse sentido e em nenhum lugar: ela se encontra perdida no seu próprio significado. Poder-se-ia dizer que ela se encontra perdida em nosso mundo virtual, e que poderíamos recuperá-la através de sua desvirtualização, mas para que isso fosse possível precisaríamos primeiramente tirar o mundo de sua virtualização. Por que isso? Uma vez que, ao tentarmos retirar a natureza do mundo virtual em que se encontra e nos mantivermos nesse mundo, estaremos autenticando a veracidade da natureza e a virtualização do nosso mundo. Sendo assim, enquanto estaríamos numa luta desesperados

para acreditarmos no que não podemos mais explicar, que é a natureza, estaríamos assumindo nossa alienação quanto a nós mesmos e nossa marginalização diante da natureza: por isso a necessidade de se “romper” com tudo, contra o sistema, contra nossos valores, contra tudo aquilo que nos tem rodeado.

Mas a própria desvirtualização da natureza e sua subsequente veracidade seriam falsos; tais meios não trariam a natureza de volta, pois a mesma estaria sendo proveniente de um mundo virtual, presa a toda concepção de real e virtual. Outra alternativa que teríamos para que conseguíssemos recuperar essa natureza, seria recorrer a seus resquícios, uma vez que, sem isso, tudo seria impossível e nada aceitável. Mas novamente voltamos à questão: Onde eles se encontram? Há possibilidade de recuperá-la sem recuperá-los?

Havendo a possibilidade de resgatar sem provas essa natureza, teríamos uma grande obra da humanidade, que nos permitiria sair do mundo virtual e retornar ao real. Mas o virtual é que é real, o real já não é mais real. Entretanto, se mesmo assim quiséssemos recuperar esse real, e isso pudesse se realizar, seria necessário que conhecêssemos esse real, senão estaríamos perpetuando a lógica da alienação, uma vez que estaríamos legitimando algo que não sabemos corresponder à verdade, ao real. Seria, mais ou menos, como se tentássemos validar o mundo, sendo que o mesmo nunca esteve diante de nós como duplo para provar a sua existência, somente como uno. Novamente precisamos lembrar que nesse ponto nós nos encontramos perdidos, assim como na natureza. Entretanto não a conhecemos não porque não a tenhamos vivido, mas porque tais restos simplesmente sumiram sem que tivéssemos conseguido tê-los absorvido; ou melhor, foram apagados por nós mesmos.

Romper com tudo, assim como recorrer a seus resquícios, também não garantiria nosso êxito perante a natureza, uma vez que, ocorrendo esse rompimento apenas para se contrapor ao estado atual, teríamos algo artificial para buscar o real, e a busca do real por intermédio do artificial não poderia concretizar nossos anseios. Isso ocorreria porque estaríamos vivendo o já vivido, como seria observado através da busca dos resquícios da natureza, e não vivendo o viver - é a alienação quanto à própria alienação, em busca de uma ilusão. Diante disso, verifica-se que a identidade está totalmente perdida e sua recuperação não passa de uma virtualidade na tentativa de encontrar as coisas e de nos encontrarmos. É o estágio supremo da deploração e virtualização do ser humano, onde se busca uma virtualização das coisas, como identidade e cultura, abraçando-se desesperadamente a única coisa que lhe restou - os resquícios do nada. Sendo assim, buscaríamos recorrer a um real que não iria mais corresponder ao real, mas sim ao virtual.

Tal procedimento implicaria o extermínio da natureza? Não há saída? Diante do nada busca-se uma saída, por mais estapafúrdia que ela seja, ou possa parecer, há de se encontrar uma saída; e nós a alcançamos: a saída da máscara. O que vem a ser isso?

A saída da máscara contrapõe-se a toda a maquiagem que antes era feita da natureza e que dava a esta um sentido de real. A maquiagem, que sem alterar a forma da natureza, apenas inseria tintas que a coloria para todos nós, alegrando-a através de uma alegoria, unindo-nos a ela, fazendo-nos mais um de seus entes e sendo ela, a natureza, parte, também, do nosso imaginário, da nossa ilusão, verdadeiros em sua imaginação e ilusão, foi exterminada para dar lugar à máscara. A máscara, por ter o poder de alterar por completo as formas, inserindo novas nuances, solidificando-as, representa tudo aquilo que nós apagamos. A natureza se transformou na saída da máscara porque a distorceu por completo, deturpou tudo que nela havia de natural para transformá-la no artificial/virtual.

Almeja-se então um retorno, mas quando a máscara cai, nada mais há além de sonhos perdidos e vazios. Mas nossa luta é árdua e temos de conseguir vencê-la. Como? A solução perfeita já foi encontrada, tanto em lares repletos de verde, da “verdadeira

natureza”, em jaulas ao ar livre ou quem sabe domésticas mesmo, quanto em muros que a protegem para nós, para não dizer de nós. Resguardamos e resgatamos finalmente a “natureza natural” por meio dos parques. Talvez esse tenha sido um dos objetivos para a criação dos parques e de todas as áreas de preservação e conservação: buscava-se, assim, recuperar aquela natureza ilusória, não no sentido pejorativo da palavra, que a falsificaria para nós deixando-nos à margem dela, mas no que concerne a acreditar nela não somente como produto, mas como um prolongamento do nosso ser, uma extensão da própria vida, se não a própria vida. Criamos agora nossas verdadeiras ilhas da fantasia e da ilusão.

Assim os parques podem reproduzir, servindo como modelo, a apresentação de toda a idéia de natureza, reprodução ao natural do natural, reprodução de um passado que não se encontra mais exposto no museu, mas que faz do todo um museu. Ressurreição de uma natureza anterior ao homem, modelo de cópia para todos os demais parques, salvação da natureza. Aos herbários devemos reverenciar tal dádiva por permitirem que as espécies de plantas sejam decodificadas e a seguir codificadas, catalogadas, empacotadas. Engavetadas em ambientes com temperatura controlada, essas espécies mortas poderão ser reproduzidas, tiradas de sua morte e dadas a vida. Por ironia elas não serão diferentes das demais, o que evidencia algo soturno: ou todas estão vivas e nunca realmente morreram, ou têm estado mortas mesmo quando aparentavam estarem vivas e já não podiam morrer, pois não puderam viver.

Mas e a natureza real? Esta já não existe mais e sua recuperação, se isso fosse possível, seria uma outra dádiva que possibilitaria libertar não somente ela de sua prostituição e de sua absorção como objeto, como libertar a todos nós da virtualização em que nos encontramos. É o seu corpo que se encontra a serviço de um gozo, daquele que nada mais faz além de gozar sem seduzir e ser seduzido, a não ser pelas formas. Houve uma necessidade de se estudar a natureza até chegar à sua nudez, perdendo a mesma qualquer relação com a realidade. “Às vezes acontece de eu poder conhecer melhor uma foto que vejo, como se a visão direta orientasse equivocadamente a linguagem, envolvendo-a em um esforço de descrição que sempre deixará de atingir o ponto de efeito, o punctum”. (BARTHES: 1984: 83).

Qual então será o desígnio da natureza? Para muitos ele se encontra no fato de a natureza adquirir sentido quando dela se provém algo que possa ser extraído (ou abstraído) e por nós venha a ter alguma serventia. “Ninguém fala sobre o propósito da vida dos animais, a menos, talvez, que se imagine que ele resida no fato de os animais se acharem a serviço do homem” (FREUD, 1997: 23). Assim como Freud já havia observado, outros autores também o fizeram e compartilham dessa idéia. Heisenberg ratifica este ponto-de-vista, destacando-o como presente no pensamento contemporâneo: “... na ciência, o objeto de investigação não é a natureza em si mesma, mas a natureza submetida à interrogação dos homens”. (HEISENBERG APUD SANTOS: 1994: 26-27).

A civilização almeja um controle rígido dos fenômenos naturais, há um domínio da natureza para que tudo siga um rumo pré-determinado, para que tudo aconteça de forma a realizar nossas ambições, “... os rios que ameaçam inundar as terras são regulados em seu fluxo, e sua água é irrigada através de canais para lugares onde ela é escassa. O solo é cuidadosamente cultivado e plantado com a vegetação apropriada, e a riqueza mineral subterrânea é assiduamente trazida à superfície e modelada em implementos e utensílios indispensáveis” (FREUD, 1997: 45). É uma natureza tão bela, tão perfeita, tão limpa, que acaba por tornar este ambiente estéril, afinal, o ambiente mais puro, assim como a donzela, é aquele estéril, que não deixa a vida procriar e por isso existir.

A sociedade procura encontrar uma solução para cada um de seus problemas, a natureza se transformou, houve um rompimento no que tange ao seu entendimento e agora

se faz necessário revertê-la em prol da “perfeição”. A cada anseio da civilização procura-se uma resposta que satisfaça às nossas “necessidades”, necessidades essas criadas, já que não há possibilidade de se sentir falta do que não se teve. A natureza real se tornou objetiva, foi exterminada e se perdeu para ressurgir mais tarde como “bela”, sem imperfeições, sem discursos e se encontrar com a sua verdade, a morte. A natureza real morreu, porque, sem diálogo, ela renasceu já morta. A natureza renasceu para ser ela mesma em toda sua expurgação: ser a árvore, o rio, a pedra em si. Para tornar-se mais um no meio, para se equivaler ao resto, para se tornar uma inércia em sentido.

A exterminação da fantasia, a exterminação da ilusão, a queda no abismo da desilusão. De certa forma foi o que ocorreu com a natureza, sua ilusão se perdeu porque tudo que havia de fantasioso, de mágico na natureza, foi substituído por sua realização, sua materialização. Sendo assim, não se concretiza um deus que por ventura havia na água, mas substitui-se esse deus por uma água que só encontra significado a partir de sua dominação como recurso natural, estando ela sob serventia do homem. Diante disso, a água divina, aquela que guardava algum valor simbólico, se tornou à água do recurso, aquela que irá fornecer algo a nós, que irá gerar energia, por exemplo. Para se conhecer o rio é preciso deixar-se ser atravessado por ele.

A natureza agora é apresentada. Ou seja, dizemos que enquanto um parque se apresenta como uma natureza viva, uma natureza verdadeira, a mesma significa uma área de lazer, uma jaula ao ar livre, se assim podemos dizer, e apresenta um encontro com a natureza. A apresentação se atribui um valor de representação deturpada, ela visa ser o que não é. Enquanto a representação provém de nós mesmos, do interior das coisas, de sua relação com o todo, a apresentação é externa à natureza, e externamente introjetada em nós. Ela se apropria do significado e o recria, o simula, já que, ao contrário da dissimulação que finge não ser o que é, a simulação finge ser o que não é (BAUDRILLARD: 2001: 9). Sendo assim, toda máscara adquire uma maquiagem, mas esta serve apenas para esconder as formas.

A representação envolve todo um jogo, uma relação onde o que importa é o colocar em jogo constantemente, interpretá-lo, enfeitá-lo e deixar-se enfeitar. É como o ator que sempre coloca em cena, representa um papel para sempre representável, mas nunca estável. É um livre agir, uma encenação em busca de algo além das linhas prescritas. Assim cada artista se libera para interpretar a obra segundo seu modo, sua ilusão, sua loucura. A apresentação acaba com qualquer interpretação, embora tente, porque ela é estática, rígida, inflexível, ela impede qualquer alçar além daquele existente, ou melhor, pré-existente. A imaginação é exterminada porque ela já se encontra realizada, solidificada.

A natureza perdeu seu significado para obter sua apresentação. Quando Baudrillard afirma: “A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda Los Angeles e a América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação” (BAUDRILLARD: 1981: 21), faz-nos entender como tem funcionado a lógica presente nas áreas de preservação e nos parques. Ou seja, tudo que se apresenta para nós como não natural (exemplo: as áreas urbanas e seus milhares de prédios e ruas) faz crer que possamos encontrar o natural, a natureza, nos parques, por exemplo, enquanto os mesmos têm servido para iludir a todos nós de que ainda há realmente alguma natureza. Desta forma, poderíamos dizer que, assim como a Disney procura nos “enganar”, “fingindo” ser o mundo do irreal, da falsificação, da virtualização, para acreditarmos ser o nosso mundo o real, os parques nos fazem crer que o lugar onde vivemos não é indicativo de onde está a natureza, e sim, que ela se encontra lá, nos parques, enquanto tudo já não é mais natureza. “O imaginário da Disneylândia não é verdadeiro nem falso, é uma máquina de dissuasão encenada para regenerar no plano oposto a ficção do real” (BAUDRILLARD:

1981: 21). “À medida que continuamos a urbanizar os locais geográficos disponíveis, perdemos contato com qualquer sentido de natureza. Até os locais naturais são hoje vistos como “preservados”, o que implica a sua classificação por oposição a uma “realidade” urbana, sempre com placas para evidenciar que são “reais”. Cada vez mais, esperamos que a placa (aprecie a natureza!) preceda o acesso à natureza”. (FELLUGA: 2003: 85)

Há também uma nova forma de se “conhecer a natureza”, indo para além do virtual, sobrepondo a própria dimensão do virtual: a natureza é descoberta quando ela é encoberta. A natureza é apresentada, caracterizada, falsificada, contemplada através da sua marginalização, nesse momento a natureza já não mais precisa ser vivenciada para ser vivida. Estagnada debaixo de holofotes que a fotossintetizam para nós a natureza ganha vida, são essas luzes que a alimentam para nós. Ao contrário de uma perda, a natureza supervaloriza-se a partir deste ponto, o duplo virtual ganha maior potência do que o próprio virtual já tinha. A realidade já está tão distante que é por isso que acredita tê-la quando ela já não mais existe, no virtual. Porém, o que está em jogo já não é mais uma natureza, mas sim, uma realização: busca-se concretizar esse duplo virtual. Neste jogo, perde-se o sentido de natureza para se ganhar o sentido de realidade, falso em sua natureza e em sua realidade. Não há concretização nem de natureza, nem de realidade. Indo para além desse jogo, há uma realização no virtual através da interface do duplo virtual.

Aí reside todo o incômodo presente na civilização atual no que se refere à natureza e ao seu entendimento. Como a mesma não pode mais ser encontrada, damos-lhe um significado diferente do que ela originalmente tinha, passamos a considerá-la como aquela que está presente nos parques, nas áreas de preservação e conservação, quando, de fato, já não existe mais, a não ser como protótipo de real. Precisamos acreditar que ainda existe natureza, que há ainda uma saída, um lugar de encontro com ela, caso contrário nos desiludiríamos. Fazendo uma analogia com o que Freud nos diz a respeito da religião, o ser humano precisa deste sentimento de plenitude por mais falso que ele possa parecer.

Tal como ocorre com a natureza, o homem precisa acreditar que ele ainda existe, uma vez que ele fazendo parte dela, a perda desta implicaria no extermínio dele mesmo - o que não deixa de ser verdade. Por isso a impossibilidade de haver cisão ou conciliação entre homem e natureza, pois ambos deixaram de existir. Quando o primeiro se separou da segunda, separou-se de si mesmo para ressurgir na forma oculta de si e, assim, em busca de sua autenticação, ele deu prosseguimento à sua existência através da ocultação da natureza. Ao assumirmos nossa marginalização e alienação quanto à natureza poderíamos nos reconciliar com ela no campo virtual, tornando-nos a ambos virtualmente reais.

É a morte e o renascimento da natureza, é a origem do homem e da natureza, é o reencontro de ambos em sua nova forma. Mas quando a natureza real morreu? Ela morreu no momento em que a objetivamos e a apresentamos, perdendo ela qualquer sentido de ser - a não ser para nós mesmos.

Seres virtuais em ambientes artificiais/virtuais mataram o real - e não houve como negar este mundo, pois faltavam parâmetros. Não há resquícios que o neguem, e assim a alienação persistirá. Sem provas e sem verificação há como não dizer que isto tudo não seja real (ou irreal)?

3. Considerações Finais

Chegaremos, ou talvez já tenhamos chegado, ao estágio máximo da execração da natureza onde ela já nem mais pode ser simulada porque foi perdida, não há mais o conhecimento sobre sua verdadeira existência, torna-se, portanto impossível reproduzir o que não existe mais. É por isso que a todo momento tentamos reaver aquele caráter natural

utilizando-se sempre de imperativos afirmativos. É preciso enaltecer o que se perdeu. É preciso autenticar o que já não está mais na ordem do natural, mas do resgate. Mas será este o caminho? Ou será mais real assumirmos nossa alienação e vivê-la?

Perante o exposto concluímos não conhecer mais a verdadeira natureza, uma vez que esta foi deturpada e apresentada sem nunca conseguir alcançá-la. O que temos é uma a natureza transformada, operacionalizada, realizada, onde homem e natureza se encontram *formulados*, codificados, rastreados e enfim juntos.

Referências Bibliográficas

ARNOLD, David. **“E o resto se escreve sozinho”**: Roland Barthes assiste a **Os Simpsons in: Os Simpsons e a filosofia**, organizado por William Irwin, Mark T. Conard, Aeon J. Skoble. São Paulo: Mandras, 2004. 237-251p.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185p.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Editora: Relógio d’água, 1991. 201p.

_____. **A Troca Impossível**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 154p.

FELLUGA, Dino. **Matrix: paradigma do pós-modernismo ou pretensão intelectual? 1º parte in: A Pílula Vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix**, organizado por Glenn Yeffeth. São Paulo: Publifolha, 2003. 81-95p.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**, Rio de Janeiro: Imago, 1997. 109p.

LÉVY, Pierre. **O que é virtualização? In: O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2003. 15-25p.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994. 190p.